

UM POUCO DE MÚSICA

RÉQUIEM PARA MANZONI

A oportunidade de uma recente audição da missa de réquiem de Giuseppe Verdi fez-me associar ao grande compositor o nome de outra grande figura da Itália do século passado: Alessandro Manzoni, o criador do romantismo italiano, o imortal autor de *I Promessi Sposi*. Embora se conhecessem por pouco tempo, ligou-os a mais sólida amizade, fundamentada na mais viva e recíproca admiração. Havia, entre os dois, algo de comum, traduzido no mais acendrado sentimento nacionalista, pois ambos eram filhos do norte da Itália, dominado durante grande parte do século XIX pelo jugo austríaco, e ambos possuíam no mais alto grau o amor à liberdade. Assim, empolgou a ambos a causa da libertação da Itália. Manzoni pusera, abertamente, sua pena a serviço de tão nobre causa. Verdi traduzira na música iguais sentimentos e muitos foram os aborrecimentos por que passou, pois freqüentemente as autoridades policiais austríacas descobriam intenções políticas em suas óperas, como aconteceu, por exemplo, com *Nabucco*, inspirada no cativo dos hebreus sob Nabucodonozor. Havia na música de Verdi — diz Ernest Newman em a nota biográfica com que precede a análise de suas óperas — “qualquer coisa que os italianos, então sob o jugo estrangeiro, sentiam ser a expressão do seu estado de alma. A música é uma forma do pensamento humano, contra a qual nada pode o censor mais rigoroso; os censores austríacos, que podiam eliminar ou aprisionar poetas, políticos e jornalistas, não tinham ação sobre uma melodia de que o povo gostava e cantava nas ruas com a convicção íntima de que ela traduzia a sua ânsia de liberdade”.

Verdi não tinha inclinações políticas; apaixonou-se, contudo, pelo ideal de libertação de sua pátria e em 1848, a pedido de Mazzini, musicou um poema patriótico que começava com estas palavras: “Fazei soar a trombeta e tremular a bandeira amarela e negra”. Mandou-o ao libertador com estas palavras: “Oxalá este hino seja em breve cantado, ao som do canhão, sobre a planície da Lombardia”. Foi preciso coragem para isto, e também para, no mesmo ano, pôr a sua assinatura a um manifesto em que se solicitava o auxílio da França contra a Áustria, fato este que, facilmente, o poderia ter levado ao exílio.

A aproximação de Verdi e Manzoni deu-se por intermédio da Condessa Clarina Maffei. Em princípios de 1867, o compositor recebeu um

retrato do poeta, com esta dedicatória: “A Verdi, glória da Itália, um decrépito escritor lombardo”. Sensibilizado pela gentileza de Manzoni, o autor de *Aida* agradeceu, e, não ousando dirigir-lhe diretamente, escreveu à Condessa, que seria, pouco depois, a promotora da apresentação. Sua carta traduz a profunda admiração que o compositor, há muito, nutria pelo escritor: “Como invejo minha mulher, que viu o grande homem! Não sei se quando for a Milão terei coragem de me apresentar pessoalmente a ele. Vós sabeis quão grande é a minha admiração por este homem que, na minha opinião, não só escreveu o maior livro dos nossos dias, mas um dos maiores saídos da inteligência humana. E não apenas um livro, mas um consolo para a humanidade. Eu tinha dezesseis anos quando o li pela primeira vez. Desde então, tenho lido outros livros, a respeito dos quais minha estima mudou ou morreu, à medida que eu me desenvolvia. Mas por este livro (Verdi referia-se a *Os Noivos*), o meu entusiasmo nunca diminuiu; pelo contrário, aumentou com o conhecimento dos homens, porque é um livro verdadeiro, tão verdadeiro quanto a própria verdade. Ah! se os artistas compreendessem esta verdade, não haveria músicos do futuro, nem músicos do passado, nem pintores realistas ou idealistas, nem poetas clássicos ou românticos, mas simplesmente poetas verdadeiros pintores verdadeiros e músicos verdadeiros”.

Como Manzoni, velho e doente, poucas vezes saía, só um ano depois se encontraram. Foi um dia feliz para Verdi, que externou à Condessa a sua satisfação: “Que vos poderei dizer dele? Como poderia explicar as emoções novas, inexprimíveis e gratas, despertadas em mim pela presença deste santo, como vós lhe chamais? Teria ajoelhado perante ele, se o homem pudesse adorar um homem...” Em princípio de 1873 agravou-se o estado de saúde de Manzoni, que veio a falecer aos 22 de maio desse ano. A morte do escritor abalou-o profundamente: “Agora está tudo acabado. Com ele desaparece a mais pura, a mais sagrada, a mais alta das nossas celebridades. Li muitos artigos sobre ele; nenhum o trata como merece. Muitas palavras, mas pouco sentimento íntimo!”

Este “sentimento íntimo” caberia a Verdi externá-lo no grande “Réquiem”, composto em memória do amigo, para o primeiro aniversário de sua morte, quando foi executado em Milão, sob a direção do próprio compositor. Sobre esta primeira audição do “Requiem”, escreveu Marcilio Sabba, biógrafo de Verdi: “A expressão solene e comovedora da música verdiana, aliada ao modelar concurso dos artistas, produziram no auditório inesquecível impressão. Mais de uma vez subiram murmúrios de admiração, logo reprimidos, porque na igreja não se toleram manifestações. Se não fora este preceito, os aplausos teriam irrompidos frenéticos, espontâneos”.

A crítica, entretanto, não recebeu muito favoravelmente a obra de Verdi, talvez porque fugisse bastante aos moldes da música sacra de Palestrina, tomada pela Igreja como padrão. Acusaram-na de pouca

religiosidade, de lírica em excesso, o que, aliás, era do temperamento do compositor, razão pela qual não cabem comparações com outras obras do gênero. Quem mais verberou o “Requiem” foi Hans von Bülow, crítico, compositor e regente vienense, que o chamou de “monstruosidade”. Mais tarde, entretanto, estudando melhor a obra verdiana, retratou-se e escreveu a Verdi, arrependido de sua “bestialidade jornalística” de dezoito anos antes. À sua carta, Verdi nobremente responde:

“Não existe em vós sombra de pecado nem é o caso para falar em arrependimento. Se as vossas antigas opiniões divergiam das atuais, fizesteis bem em manifestá-las; nem eu ousaria queixar-me. De mais, quem sabe... talvez tivésseis razão naquele momento. Como quer que seja, vossa inesperada carta proporcionou-me um grande prazer. Não por vaidade pessoal, mas por ver que os artistas verdadeiramente superiores julgam sem preconceitos de escola, de nacionalidade e de tempo. Se os artistas do Norte e do Sul têm tendências diversas, é bom que assim aconteça. Todos devemos manter as características peculiares à sua nacionalidade, como muito bem afirmou Wagner. Felizes, vós, que sois filhos de Bach!... e nós? ... Nós, filhos de Palestrina, tivemos uma grande escola... nossa! Presentemente abastardou-se e ameaça ruína. Se pudéssemos voltar ao tempo antigo!”

Seria absurdo exigir de Verdi, para uma missa fúnebre, algo que não estivesse em seu temperamento e em seu espírito. Não seria autêntica. Donde dizer que não cabem comparações com Mozart, Fauré e tantos outros que escreveram obras similares. Se o “Requiem” de Verdi saíu lírico demais, foi simplesmente porque o seu autor... era lírico demais! Embora razoáveis muitas das críticas que lhe foram feitas, não se pode deixar de reconhecer nele uma das maiores e mais inspiradas obras de todos os tempos, à altura tanto do seu autor, como do grande morto a cuja memória foi dedicada, unindo para sempre dois dos maiores nomes da Itália do século XIX — Alessandro Manzoni e Giuseppe Verdi. Odilon Noqueira de Matos